

UNIFORMES ENTRE IMAGENS DO PENSAMENTO E NARRATIVAS DOS MEUS COTIDIANOS

OLIVEIRA, Marcio Romeu Ribas de – UERJ

GT-12: Currículo

Agência Financiadora: CAPES

*Agora vou mudar minha conduta, eu vou pra luta
pois eu quero me aprumar
Vou tratar você com a força bruta, pra poder me
reabilitar. Pois esta vida não está sopa e eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Agora, eu não ando mais fagueiro, pois o dinheiro não é fácil de ganhar.
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro, não consigo ter nem pra gastar.
Eu já corri de vento em popa, mas agora com que roupa?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Eu hoje estou pulando como sapo, pra ver se escapo desta praga de urubu.
Já estou coberto de farrapo, eu vou acabar ficando nu.
Meu paletó virou estopa e eu nem sei mais com que roupa.
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
(Noel Rosa)*

A mudança no uniforme da escola e suas possibilidades

Sempre estudei em escolas públicas, e nelas o uniforme foi uma constante, não somente como processo de uniformização de classes sociais, mas como um elemento de homogeneização de pessoas. Entretanto, é possível pensar para além da homogeneização. Para que a uniformização não funcione como uma única possibilidade, pois a dimensão do *uso* (Certeau, 1994) estava, implícita, na escolha de nossas roupas/uniforme. Nesses *usos* os mais diversos possíveis. Como dizia minha mãe: - *O uniforme economiza as suas roupas boas*; as roupas boas eram aquelas que tínhamos para sair, saída que se resumia ao culto dominical e algumas festas escolares. Penso que o uniforme era um instrumento de pertencimento do indivíduo ao coletivo, com menor escala na hierarquização das roupas, uma roupa para “bater”, uma roupa menor e que poderia fazer nos parecermos todos iguais usando uma camiseta branca, agasalho azul, com as três listras laterais nas pernas da calça e nos braços do casaco. Uma espécie de roupa de assalto, roupa que os militares usam para fazer suas incursões em lama, terra, enfim, em momentos difíceis do dia-a-dia. Já as roupas de gala eram responsáveis para os momentos de festa e de passeio, como a hora de se apresentar para os outros, como comenta Dussel (2005, p. 73)

Uno no juzga a la gente por la ropa que viste: es paradójico que Pizzurno afirme eso después de dedicar una lectura a plantear las reglas estéticas y éticas sobre la

vestimenta que dan la pauta para ser “buenas niñas”. Lejos de ser irrelevantes, las ropas, para Pizzurno, informan a los otros sobre la condición moral de una persona, su sensibilidad y su educación, y por eso deben cuidarse tanto las apariencias. Pero esta ética y esta estética aparecen como neutrales, producto de un sentido común natural y sensato, y no de un trabajo sobre sí.

Nas ruas, éramos identificados, classificados e até perseguidos por estudarmos no Colégio Estadual Regente Feijó.¹ Nesse tempo, as “tribos” da cidade de Ponta Grossa se reuniam na frente dos colégios para se enfrentarem. Essas não eram uniformizadas, eram descaracterizadas e formadas por alunos que “matavam” aula para pegar a saída de outras escolas, especialistas em arranjar briga.

É possível uma relação da aparência e do uniforme. Nos momentos de muito frio, o uniforme sofria alterações. O frio era intenso e o casaco não suportava a baixa temperatura. O que, produzia liberações no uso de outros tipos de blusas que não comporiam com o uniforme azul, poderíamos usar casacos de outras cores, formatos, tecidos, enfim poderiam ser blusas de qualquer tipo.

Quando se inventa o uniforme, há uma tentativa de barrar a entrada do fora no dentro da escola, um movimento que tem como percurso a higiene, disciplina como lemas de sua implantação. Entretanto, o que está fora continua presente nas roupas, pessoas, enfim nas subjetividades que são e estão sendo tecidas na prática cotidiana dentro e fora da escola. Aliás,

Em 1929, publicou-se a brochura Uniformes Escolares – Distrito Federal, através da Diretoria Geral de Instrução Pública, com textos descritivos dos uniformes das escolas públicas: “Escola primárias – A blusa é branca, de mangas compridas, de tecido não transparente, com punhos abotoados ou com pressões, tendo um bolso do lado esquerdo. Largura: golas, punhos e bainha com 6 cm de fio direto. O monograma é bordado no bolso com linha D.M.C. azul-marinho, em ponto cheio. A saia é de tecido azul-marinho escuro, com 3 pregas de cada lado. A gravata é feita de uma tira comprida do tecido da saia, de 5 cm de largura, tendo as extremidades presas à blusa por botões e alças. Cadarços brancos estreitos, colocados horizontalmente, diferenciam os anos do curso primário. Calçados e meias pretas. “Escola normal – blusa branca de pano não transparente (morin, linho ou tricoline), com botões de madrepérola, punho e gola de 7 cm de largura, cinto em casimira branca de 3 cm de largura. Gravata de fita de gorgurão número 12 azul-marinho escuro, preso por distintivo da Escola Normal feito em metal prateado. Saia de casimira azul-

¹ No livro de Furio Lonza sobre a *História do uniforme escolar no Brasil*, há um relato de Pedro Nava a esse respeito, sobre brigas nos encontros entre os estudantes do Colégio Pedro II, e do Colégio Militar, ambos no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX.

marinho escuro toda em manchos de 10 cm. Casaco de casimira azul-marinho escuro com 2 bolsos e botões cobertos da mesma fazenda. Calçados pretos. Meias cor de carne. Chapéu de feltro azul-marinho com fita de gorgurão também azul-marinho número 9 passada em volta da aba, terminando num laço do lado direito. Os anos do curso serão distinguidos por cadarços de cor azul-marinho presos no puno sendo para o curso anexo cordão estreito de ½ cm e para o normal cadarço de 1 cm. A presença do uniforme escolar nos anos 20 foi se firmando, sem obrigatoriedade – que aparece só nos anos 30. Como a venda de uniformes em lojas fosse muito pequenas, eles eram feitos em casa ou pela costureira, tendo em comum a cor, já que cada um usava um tecido diferente e o feitiço também era bastante particula. (LONZA, 2005, p. 91-92).

Nos vestíamos por meses com a mesma roupa, o prazo de 12 meses para pagar se instituía na roupa em seu usar. Usávamos muito mesmo a roupa, criava-se uma relação afetiva com aquilo que se usava e até pela ausência de diversidade das roupas que tínhamos. Essa blusa era minha segunda pele ², principalmente nesses 3 meses de frio intenso. Uma segunda pele que me denunciava quando estava chegando à escola, em minha cabeça, era o menino que só tinha a blusa cinza da *Vegas*, falava para minha mãe para trocar, usar outra, mas que outra, era aquela e somente aquela. Mas como aprendi com Certeau e Deleuze, essas repetições não são iguais, são diferentemente repetidas. E nelas estavam e estão presentes marcas de um tempo.

As roupas são, pois uma forma de memória, mas elas são também pontos sobre os quais nos apoiamos para nos distanciar de um presente insuportável: o presente da infância, por exemplo, quando somos protegidos pelos nossos pais. E me lembro de Jen White me falando sobre um par de sapatos que seus pais compraram para ela ir à escola. Sapatos práticos, bons, mas com os quais você tinha vergonha de ser visto. É difícil avaliar seriamente, de forma suficiente, a agonia desses momentos, a raiva, o sofrimento, o desespero. Uma identidade demasiadamente visível está lá, nos seus pés, fazendo troça de você, humilhando você. Pois você foi fabricado, produzido por um outro, colocado na libré de uma dependência abjeta... (STALLYBRAS, 2000, p. 41-42)

Ir para a escola, então, era um pouco do que Peter Stallybrass trata no seu livro, como um tecido de identidade que não é somente seu, é produzido por outros no convívio de um outro, e que não se discute isso no currículo na/da/ com a escola, pois a roupa, moda, indumentária não participa dessas conversas curriculares.

². A idéia defendida por Hundertwasser é a de que teríamos cinco peles, as quais seriam as peles literalmente, nossas roupas, nossa moradia, nossos amigos, e, enfim, a terra.

Esse colégio não era freqüentado por todos, pois era localizado no centro da cidade, do lado da Igreja do Rosário, em frente à uma praça que para os íntimos se chamava “praça do ponto azul”, mas cujo nome pomposo é Barão do Rio Branco. Com essa localização, ele, impedia a aproximação dos estudantes que moravam em bairros da cidade, sem falar na questão do deslocamento da casa para a escola.

O imponente Colégio Regente Feijó, em sua terceira pele, era colorido com as pixações em sua fachada. Éramos uma meia elite, uma mistura de meninos que estudavam de manhã e meninas que estudavam de tarde, todos com o mesmo uniforme. Nas aulas de Educação Física, usávamos um calção azul com listras laterais, e uma camiseta branca com o nome do Colégio e com o símbolo daquela época, um Tio Patinhas empunhado um florete, rodeado pelos arcos olímpicos. Para completar a vestimenta, as meias deveriam ser brancas e os tênis, naquela época ainda não havia a variedade de hoje. Iam de congas, aos “chinesinhos” (início de um processo de trocas simbólicas com o vizinho Paraguai), bambas, *all star*, adidas (uma exceção à regra), e a grande maioria nacionais; *nikes*, *rebooks*, *pumas*, não existiam para as minhas caminhadas escolares.

Num determinado momento da vida escolar, nosso diretor resolveu mudar o tal uniforme, o azul marinho sairia de cena e entraria um azul piscina, a calça em azul piscina, e o casaco com listras nos braços em vermelho e branco, e no lado esquerdo do casaco duas iniciais em letras maiúsculas RF. Nós, alunos, não queríamos trocar, pois estávamos acostumados e relutávamos em ter que vestir algo que não fosse o que tínhamos. Acredito que, inconscientemente, brigávamos, também, por questões econômicas. A troca de todo um uniforme não é muito barato, mas como a vontade da direção era mudar, então foi mudado. Nossas subjetividades estavam tecidas em tons de azul marinho e nos seus pertencimentos que ela nos proporcionava. Lembro que andávamos nas ruas com os olhos caídos, envergonhados, pois nossos amigos de outros colégios nos chamávamos agora de palhaços, isso era uma ofensa sem tamanho para jovens de 13 para 14 anos. De certa forma, todo aquele intuito de agregar, pertencer foi subsumido pela mudança, e o agasalho azul e branco com listras foi sumindo de nossas vidas, mas como diz Peter Stallybrass (2000, p. 14):

Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo.

Os uniformes que nos identificavam agora estavam em outros corpos, talvez não identifiquem ninguém mais, ou melhor, o corpo que usa este uniforme nem imagina que ele era e foi importante no percurso escolar de alguém, que tem uma *memória* cheia de sentidos e significados a serem ouvidos, sentidos, cheirados. Em cada peça de roupa há um processo de subjetivação, uma história particular como argumenta o autor:

É o cheiro pelo qual uma criança se apega a seu cobertor, uma peça de roupa, um ursinho de pelúcia, seja lá o que for. Roupa que pode ser colocada na boca, mastigada, qualquer coisa, menos lavada. Roupa que carrega as marcas do ente, do encardimento, da presença corporal da criança. Roupa que se deteriora: um braço do ursinho que se parte, a bainha que se torna puída. Roupa que dura e conforta, roupa que, como qualquer criança sabe, é particular. (idem, p. 15)

Enfim, esses elementos de subjetivação fazem com que nos relacionemos com nossas roupas como se fossem sujeitos. Pessoas que temos carinho, isso explica o prazer que temos em colocar uma roupa de que gostamos, que nos identifica, nos aproxima de outras pessoas. O uniforme, dessa forma, é um ente que participa de nossos caminhos na escola, que coloca o indivíduo no coletivo, e que, cria laços com outros objetos e culturas escolares que passam despercebidos como tecidos do currículo escolar. Como um dos múltiplos artefatos culturais usados das diversas aulas que compõem a dimensão material dos ‘currículos’ em cada espaçotempo escolar (Alves, 1998).

Uniforme, inclusão e exclusão nos espaçotempos³ da segunda pele

Ao estudar no curso noturno as preocupações eram outras, o uniforme estava liberado. É interessante pensar que nessa prática cotidiana na escolha do que poderíamos usar para ir à escola, em muitas vezes, estava negociada aos amigos e amigas que mantínhamos, e também ao que tínhamos para vestir dado as condições materiais de cada amigo. Para subverter as condições colocadas pela materialidade dos tecidos interditos. Copiava-se uma *tática* de praticante da vida cotidiana da *cultura feminina*, a troca de roupas, empréstimos daquilo que é possível ser emprestado. Situação que se experimenta nas *redes* tecidas entre esses estudantes. O passeio na casa do outro, no cotidiano de suas coisas eram práticas vividas na sociabilidade da escola. Essas situações possibilitavam um criar para o que se quer vestir, uma segunda pele que se distanciava do usual e da moda. Um *entre* aquilo que me aproxima e me distancia na moda. Para isso, me valho de uma idéia de Georg Simmel, do texto *A mulher e a moda*

³ Esse modo de escrever, reunindo e destacando esses termos – como outros que vão aparecer – tem a ver com uma intenção do grupo de pesquisa de que participo de indicar os limites herdados da ciência moderna e que precisam ser superados nas pesquisas a que nos dedicamos *nos/dos/com os cotidianos*.

Mas, neste solo firme do costume, da norma, do nível geral, as mulheres aspiram fortemente à relativa individualização e à caracterização da personalidade individual, que ainda lhes são possíveis. A moda proporciona-lhes justamente esta combinação da forma mais venturosa: por um lado, um recinto de imitação geral, um nadar tranqüilamente nos amplos canais da sociedade, um alívio do indivíduo em face da responsabilidade pelo seu gosto e pelo seu fazer – por outro, no entanto, uma caracterização, um realce, um adorno individual da personalidade. (Simmel, s.d. p. 1)

Essa passagem de Simmel tece um fio de possibilidade dessas *superfícies de sociabilidade*⁴, encontros lúdicos na relação com aquilo que vestimos, que evidentemente, se expandem pelas questões que estão ligadas aos aspectos mais diversos de nossas práticas na vida cotidiana.

Já tinha aprendido a me vestir sozinho – *minha mãe sempre exerceu um controle muito grande sobre o que vestir*. Minha mãe me controlava e não tinha poder de escolher minhas roupas. Mas, é preciso voltar as linhas, fios, apliques que vão mudando socialmente. Como estava dizendo eu poderia ir com o que tivesse para vestir, mas o “uniforme” acabava se resumindo a uma calça jeans, camiseta e um sapato. Já no curso noturno, existia um flerte entre meninos e meninas. No ensino fundamental matutino existia uma separação dos gêneros. Meninos estudavam pela manhã e meninas estudavam de tarde. O momento mais esperado era o das pesquisas escolares que eram feitas no período da tarde, e aí era possível dar uma “voltinha” no recreio, e testar a popularidade entre as meninas e, assim, tecer os fios da *sociabilidade* na cultura escolar feminina. No período noturno isso era diário, o que precedia uma “produção” para ir a escola. O cabelo e os sapatos eram diferenciais. E um sapato bem lustrado e limpo possibilitava uma nova *rede de saberes e significados*.

Como ressalta Katiene Nogueira da Silva, em texto que relata a pesquisa sobre uniforme escolar em São Paulo, nos anos de 50/70, a idéia de democratização esbarrava no uniforme, pois o seu uso, principalmente, na zona rural era prejudicado pelo custo do sapato. De certa forma, a autora tenciona o mito da democratização que o processo do uniforme estabelece nas escolas, um processo de inclusão que disfarça a exclusão.

⁴ Essa idéia é uma aproximação de questões de Deleuze (2000, p. 136), e de Simmel (2006, 65). O primeiro, no sentido de pensar a superfície, como: *A superfície, a cortina, o tapete, o casaco, eis onde o Cínico e o Estóico se instalam e aquilo de que se cercam. O duplo sentido da superfície, a continuidade do avesso e do direito, substituem a altura e a profundidade. Nada atrás da cortina, salvo misturas inomináveis. Nada acima do tapete, salvo o céu vazio. O sentido aparece e atua na superfície, pelo menos se soubermos convenientemente, de maneira a formar letras de poeira ou como um vapor sobre o vidro em que o dedo pode escrever*. O segundo nos apresenta a idéia de um jogo lúdico como processo socialização.

O uso dos uniformes escolares não realizava suas intenções, não igualava os ricos e os pobres, como dizia Floriano Lemos. As escolas públicas exigiam o uso dos uniformes escolares e recebiam somente as crianças cujas famílias podiam pagá-los, ou seja, ricos ou de “classe média”, que conseguiam adquirir o traje, ao passo que os pobres ficavam em escolas rurais ou fora da escola. Em todo o traje escolar, a peça que custava mais caro era o sapato. Principalmente nos início dos anos trinta. O sapato era algo muito raro, a população rural nem estava habituada a usá-lo, poucos lugares o fabricavam no Brasil. Com o passar dos anos, ele passou a ser fabricado no país e aí difundido entre a população em geral (2007, s.p.).

Nesse momento, foi possível comprar uma calça jeans, minha mãe ainda fazia muita questão de opinar sobre o que eu deveria vestir. Ela tinha uma frase que se tornou um clichê: *imagine sair com essa roupa, o que vão dizer de mim, que não cuido do meu filho, que sou relaxada!!!* Minha mãe mesmo não tendo acesso completo ao universo da escola, repetia o discurso sobre a higiene que estaria presente nas roupas que poderiam ser usadas na escola. Discurso produzido pelos médicos no século XIX e que está presente no livro de José Gonçalves Gondra: *Artes de Civilizar*, quando o autor trata do modelo higiênico da educação escolar. Nesse modelo, a roupa teria que estar limpa, asseada, livre de odores, uma roupa larga para possibilitar o movimento do corpo, e do ar entre a primeira pele e a segunda pele, para livrar das doenças e moléstias e, principalmente, livre dos desejos que a moda colocaria.

Voltando ao assunto: a roupa que se tornava um uniforme escolar, expandia os muros da escola. O que era *usado* estava fora da escola, mas, às vezes entrava passear nos corredores curriculares da escola. As pessoas que vinham trabalhar no centro da cidade já ficavam para estudar no curso noturno, era uma diversidade de bairros, cores, sabores, texturas das roupas que freqüentavam a escola à noite. A moda na época, final dos anos 80 e início dos 90, era muito interessante, as calças eram largas (calça *baggie*) e cheias de bolsos, um pouco parecidas como as calças contemporâneas, camiseta coloridas com logotipos de marca famosas na época, como *Hang Loose*, *Fido Dido*, *Soviety*, *Hering*, *Sea Coast*, *Samello*, *Forum*, *Zoomp*, *Vide Bula*, e *Rainha Monte Carlo*, enfim, coisas dos anos 80. Tudo isso embalados por *hits* do Legião Urbana, Raul Seixas, *Capital Inicial*, *Modern Talking*, entre bandas que foram sendo agregadas e distanciadas nessa trama. Os cabelos eram cortados com máquinas, nessa época experimentava uma variedade de cortes de cabelos, que iriam do famoso topete, no qual você raspava todo o cabelo e ficava apenas um topete na frente, que era arrumado a

custa de muito gel, e ainda hoje é presente nas ruas, ou cortes mais *punks* como, raspar de um lado só e deixar o outro totalmente comprido. Esse era o uniforme escolar que usávamos na escola, assim como uma enormidade de tinturas para colorir e descolorir os cabelos, experimentava as possibilidades nas roupas e nas práticas de pertencimento no meu grupo de amigos.

Em texto de Mariângela Momo (2007, s.p.), a autora discute questões contemporâneas sobre o uniforme escolar em escolas do Rio Grande do Sul, e afirma.

Considero que na contemporaneidade, a paisagem escolar tem incorporado artefatos e ícones da mídia que acabam por compor um novo tipo de uniformização dos escolares. Seus corpos estão sendo padronizados não mais por uniformes impostos por instituições. Eles estão se tornando idênticos porque necessitam, porque desejam isso. No entanto, embora possamos interpretar o ocorrido no passado e o que vem acontecendo no presente como processos de uniformização “escolar”, os significados disso são bem distintos. O presente estudo, recorte de uma pesquisa maior, discute alguns dos significados relacionados a essas novas modalidades de “uniforme escolar”, a partir da análise das condições culturais da contemporaneidade.

É interessante pensar que um processo de imposição impede o pensamento de que aquilo que se veste movimenta sentidos múltiplos, e que nem tudo que parece repetido é sempre igual, como Deleuze em seu livro *Diferença e Repetição* trata, toda repetição é carregada de diferença. Então, o que autora se refere como um movimento investido pela mídia, é presente desde o dezenove, como comenta Gilda Mello e Souza (1987), quando em Florença, *por exemplo, onde as distinções de nascimento não conferiam mais privilégios especiais, o indivíduo via-se impelido a exceder-se sempre em sua aparência, variando sem cessar os estilos de decoração pessoal* (p. 21), ou ainda:

É o apogeu da vida de salão e, daí em diante, a vestimenta vai incorporar aos seus elementos a conquista do espaço. O século XIX, trazendo as profissões liberais, a democracia, a emancipação das mulheres e a difusão dos esportes, completará as metamorfoses sociais que fizeram o traje hirto dos séculos anteriores desabrochar na estrutura movediça de hoje em dia (p. 50).

É interessante pensar que as transformações da sociedade, costumes, mentalidades, atravessam a vestimenta, que acompanha os *espaçostempos* em que se vive.

Em relação ao espaço da cidade, o vidro tomava conta de tudo, tudo era muito envidraçado, nós parecíamos vitrines daquilo que pensávamos. Também era presente

um discurso de reforma do velho, a derrubada das fachadas, o fim da ferrovia, enfim, uma reforma das estruturas da cidade que estavam ligadas ao antigo, ao passado.

Nesse percurso, fui estudar na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Acreditava que a universidade iria possibilitar a diversidade. Entretanto, para cursar as aulas de conteúdo prático teria que usar uniforme: as calças azuis com três listras voltavam a economizar as minhas roupas de sair. Como me deixavam higienizado, prática recorrente no campo da Educação Física. Um casaco de um tom de azul mais claro, com camisetas brancas, e com o símbolo “persistente” olímpico no lado esquerdo, um calção azul sem listras, mas escrito na lateral Educação Física, um par de meias brancas sem nenhum detalhe, e um tênis que não chamasse a atenção - o que facultava o uso de tênis branco, azul, preto - nada muito colorido e chamativo. Essas *superfícies de sociabilidade* faziam parte do currículo da faculdade.

Mas isso não apresentava todas as restrições que ainda iria sofrer. O pior ainda estava por vir, o autoritarismo em relação ao que se deveria vestir ainda eu não tinha sentido, e também as relações de poder que estão presentes naquilo que vestimos, e como isso era e é importante nas relações sociais. Estava percebendo que não só a roupa era importante, mas qual a roupa era a correta, que identificava, disciplinava e autorizava você a entrar ou não na sala de aula. A disciplina que estou falando era Organização e Administração Esportiva, no primeiro dia de aula o professor nos avisou: *na minha aula, só entra de calça social, camisa social e sapato*. Eu não entendi muito bem, mas eu era aluno, e era o primeiro dia de uma série de dias com o mesmo professor. Pensei bem: - *vou ter que arranjar como se vestir adequadamente para freqüentar essas aulas*. Nesse primeiro dia, ele argumentava que a roupa de uma pessoa a qualificava para ocupar um cargo de gestão numa organização esportiva, situação que é relatada em cursos de gestão da organização empresarial e pode ser resumida na máxima *você é o que está vestindo*.

A disciplina no uniforme da turma era transposta para as atitudes do professor. Ele usava um método de avaliação no qual o uniforme era um dos quesitos desse processo, mas isso era uma mensagem subliminar, que, na verdade a nossa roupa estava sendo avaliada, tanto nas práticas cotidianas de sala de aula, como nos seminários propostos na disciplina. Ele argumentava sobre a questão da presença e da respeitabilidade que a roupa exercia nos contatos entre as pessoas, e, no dia do seminário a formalidade era maior, era o momento do traje de gala, que acompanhou a história do uniforme escolar no Brasil em desfiles, festas, formaturas, e aqui era

revisitado nos seminários do final do ano. Nesses seminários, nosso professor exigia ternos e gravatas para os meninos, e, para as meninas, um terninho feminino. Tudo deveria estar impecável e combinando, pois a nota, depois eu percebi isso, estava condicionada a beleza e qualidade da roupa, um terno qualquer era uma nota qualquer.

Bem, estas considerações estão sendo feitas agora, pois, naquele momento só pensava em arranjar um terno emprestado para me safar de uma reprovação. Era visto que não tinha terno. Entretanto, teria que arrumar uma roupa de gala para poder participar do processo de avaliação, sem a roupa não haveria possibilidades de participar.

Como emprestei de muitas pessoas, esse uniforme de gala ficou multicolorido, e tinha um pouco de cada um em *mim nas transferências de roupas, as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz* (Stallibrass, 2000, p. 38 - 39). Vestia um blazer de uma cor, camisa de outra, gravata de outra, resultado disso tudo, uma nota baixíssima, assim como a relação homogênea e higienizada com a roupa. Outro elemento para se pensar é a relação com o processo de democratização reclamado pelo uniforme, nesse caso o uniforme é um elemento de exclusão e classificação social, muito distante de uma premissa de incluir socialmente os sujeitos que estariam uniformizados, mas sim de torna-los pequenas ilhas sujeitadas pela vontade do professor e de seu poder.

Eu nem gosto de futebol...

Num determinado dia de frio no Sul do Brasil, ele estava em sua casa, colocando seu “uniforme” para passear pela cidade e se deslocar para uma festa com amigos. Como de costume, ele demorou em procurar e encontrar a combinação que lhe ficasse mais bonita, que chamasse a atenção daqueles e daquelas que também buscaram, em seus guarda-roupas, a combinação que mais lhes deixasse bonito. Esse fato de colocar uma roupa é um processo delicado, para algumas pessoas e grupos de pertencimento a roupa carrega um “fetiche”. Para Peter Stallibras (2000, p.20) sobre o fetiche ele escreve:

Rodeados como estamos por uma extraordinária abundância de materiais, seu valor dever ser incessantemente desvalorizado e substituído. Marx, apesar de toas as suas brilhantes análises sobre o funcionamento do capitalismo, estava equivocado em apropriar o conceito de fetichismo da antropologia do século XIX e aplicá-lo às mercadorias. Ele estava certo, naturalmente, em insistir que a mercadoria é uma forma mágica (isto é, mistificada), na qual os processos de trabalho que lhe dão seu valor foram apagados. Mas ao aplicar o termo fetiche à

mercadoria ele, por sua vez, apagou a verdadeira mágica pela qual outras tribos (e quem sabe, talvez até mesmo nós próprios) habitam e são habitadas por aquilo que elas tocam e amam. Para dizer de uma outra forma, amar coisas é, para nós, algo constrangedor: as coisas são, afinal, meras coisas e acumular coisas não significa dar-lhes vida. É porque as coisas não são fetichizadas que elas continuam sem vida.

Uma roupa eleva a presença do ser que a veste, uma calça de uma marca famosa pode render um contato na festa, um amigo novo, ou um comentário para massagear o ego, *nossa como você está bem com essa roupa!* Tanto que algumas pessoas não vão a festas se não estiverem com uma roupa nova, uma inauguração de um estilo novo.

Las apariencias engañan”, suele decirse. Sin embargo, pocas cosas tan intrascendentes como una corbata o un par de medias nos resultan tan difíciles de decidir y nos consumen tanto tiempo. El sentido común tiende a identificar la preocupación por las apariencias con la frivolidad, la voluntad de engañar o esconder, y se la asocia generalmente a la condición femenina. Pese a esta connotación negativa, las sociedades ocuparon y ocupan buena parte de sus energías en producir apariencias seductoras, en proponer ordenamientos de la percepción que generen determinados afectos. (DUSSEL, 2005, p. 66)

Meu amigo, então, se arrumava para sair, escolheu algo básico, uma camiseta vermelha, um sobretudo preto, uma calça preta e um coturno preto com detalhes em vermelho. Aqui no Rio, ele seria identificado como flamenguista. Mas, como disse, isso não passava em sua cabeça, era uma situação que não era nem mesmo ventilada por ele. Depois de arrumado, saiu em direção à festa e, para isso foi andando várias quadras pelo centro de Curitiba. Passando pelo Shopping Müller, que é próximo do Centro Cívico, sede do Governo Estadual, na capital do Paraná, passou pelo Largo da Ordem, perto da reitoria da UFPR, que fica próximo ao Teatro Guaíra, espaços de grande monumentalidade, que orientam o olhar do passante em sua direção. Nesse trecho, ele viu um grupo de pessoas vindo em sua direção. Como estava pensando na festa, não se deu conta das roupas e das cores que eram vestidas e continuou seu caminho, pois, como de costume estava atrasado. De repente, ele percebeu que uma das pessoas que estavam no grupo vinha em sua direção. Essa pessoa começou a correr, ele olhou aquilo, não se deu conta que a encrenca era com ele, o rapaz se aproximava cada vez mais rápido na sua direção, quando chegou perto o rapaz deu um salto, quase como aqueles de cinema, em que a perna se estende no ar. Meu amigo pálido de medo e já cercado por outros amigos do rapaz que voava em sua direção sentiu o perigo. Mas já era tarde, o vôo estava quase aterrissando no peito de meu amigo, que apenas conseguiu

desviar um pouco, mas foi acertado, não entendia muito bem o que teria feito, ou foi algo totalmente involuntário. Ele não tinha feito nada e tampouco conhecia nenhum dos agressores, entretanto, percebeu que as roupas deles eram brancas com detalhes verdes, mas, mesmo assim, ainda não tinha tomado consciência da violência que tinha sofrido. O mesmo rapaz que o acertou foi para cima dele, que se esquivou, e percebeu que os agressores faziam parte de uma torcida uniformizada do Coritiba Futebol Clube. Apelidado de Coxa Branca entres seus torcedores, e que tem como arquiinimigo o Clube Atlético Paranaense que, por coincidência do destino, tem as cores vermelha e preta como presentes em seu uniforme. Como num filme, meu amigo percebeu que estava encrencado, sem ao menos gostar um pingão de futebol, principalmente quando o grupo de torcedores do Coritiba gritou que era para quebrar o atleticano filho de uma mãe. Meu amigo, mesmo sem gostar de futebol, mas que sempre foi um bom atleta de atletismo, saiu em disparada pelas ruas de Curitiba sem olhar para trás, apenas olhou quando já tinha percorrido um bom pedaço e viu que não teria mais perigo de ser agredido novamente. E pensou: e eu nem gosto de futebol...

Quando o uniforme não é o limite, mas sim possibilidade de pertencimento e de transformações

Realmente, o uniforme, azul e branco desde 1915, ao tempo da velha Escola Normal, era bem um símbolo da normalista, devendo seguir rigorosamente o modelo estabelecido em seus mínimos detalhes. A pesada saia, de casimira azul-marinho, devia ter as pregas milimetradas e situar-se pouco abaixo do joelho. A blusa, de tricoline branca, mangas compridas, gola chemise, tinha fixado o número de centímetros –aproximadamente quatro dedos – que iam do cinto (marinho, largo com grande fivela) a sua extremidade. Uma gravata azul marinho em forma de laço fechava a blusa, nela se colocando o distintivo esmaltado do Instituto de Educação. A série, no ginásio, era identificada por divisas de cadarço azul, nos punhos, fechando-se estes por abotoaduras com o logotipo da escola. No curso normal, por um emblema esmaltado, com pequenas listas indicadoras da série encimadas por uma estrela – tudo em azul; era colocado na parte superior das mangas. Sapatos abotinados, pretos, segundo o modelo-padrão, e meias soquetes brancas. Proibido o uso de balangandãs. Como agasalho, um casaco de casimira azul-marinho e uma suéter de tricô na mesma cor, com um pequeno bolso, onde galantemente colocávamos um lençinho branco. Em solenidades, usávamos luvas brancas de suedine presas ao cinto ou calçadas. Embora bastante severo, nosso uniforme representava, sem dúvida, um avanço em relação ao da década de 30, que incluía um chapéu de feltro, depois substituído por uma boina.. (ENÉAS, 1998, p. 35).

Ao ler esse fragmento, logo pensei nas primeiras conversas que tive com as estudantes do ginásio da década de 50. Na primeira conversa o uniforme foi um dos temas que apareceram, especialmente sobre o tamanho da saia, o controle fora da escola, Dona Palmira e sua régua para marcar o tamanho da saia na entrada do Instituto, as dobras sucessivas nas saias para que ficassem um pouco menores, a combinação que não poderia faltar para poder entrar no colégio, o sapato com o sugestivo nome de Normalista, o ódio em relação ao uniforme de Educação Física e sua mudança para parecer mais justo:

Para a ginástica e atividades esportivas, usava-se um calção preto em tricoline, com largas pregas presas pelo cós e elástico nas pernas, bem bufante e apertado no meio das coxas. As alunas mais ousadas encurtavam bastante o calção. Ele era vestido sobre uma peça branca inteiriça, de mangas curtas e bufantes, com o distintivo bordado no bolso. (LONZA, 2005, p.120).

As meninas da Zona Sul traziam as novidades para as meninas que moravam na Tijuca. A moda que passava ao lado da escola, como os cortes retos e com os braços a mostra, o controle do corpo no uniforme, que teria que estar abotoado até o pescoço sem mostrar nenhuma parte do corpo da estudante - um corpo puro intocável, o orgulho que estava presente no uso do uniforme e no seu respeito. Essas conversas me levam a pensar que elas criavam táticas nesses *espaçostempos* que eram importantes para se aprender a estudar, importantes para aprender as táticas para burlar as normas e regras no uso do uniforme (como baixar a cinta, pois ela incomodava e não marcava a cintura), cintura de meninas que estavam descobrindo o seu tempo, o seu corpo, que ouviam histórias de outras meninas que faziam mil coisas com seus namorados, histórias de gravidez indesejada e que resultavam em saída do Instituto de Educação, um lugar de “mocinhas” e não de mulheres, de leituras proibidas entre enciclopédias. A rigidez no uso do uniforme azul e branco, que não podia ser dobrado, as mangas não podiam ser arregaçadas, e os botões não podiam ser abertos, nem dentro do colégio e tampouco fora ai de alguém que fosse visto assim na rua, era suspensão sem direito de defesa - o uniforme era uma farda de orgulho das alunas. A roupa era muito importante, sob a saia eram colocadas anáguas, “as sete saias” que as alunas usavam, e que perdiam, caíam, faziam mil truques para burlar as regras e criar táticas para reescrever suas memórias, suas roupas, suas vidas. Ao sair da escola, colocavam seus balangandãs para subir no bonde e ir para casa, encontravam os meninos do Colégio Militar, ali mesmo com o controle exercido, já não eram as meninas do Instituto, já eram outras, com seus brincos,

batons, saias dobradas para aparecerem os joelhos, mudavam seus uniformes. Criavam outras formas de se relacionar, de contar suas histórias, de produzirem outras formas de pertencer, de viver, de experimentar aqueles *espaçostempos*.

Para terminar, gostaria de pensar com Inês Dussel sobre a complexidade que está presente neste tema e também na riqueza de possibilidades de se enveredar por estas linhas, fios, tecidos, cores, sabores, fetiches, modas, desejos, controles, inclusões, exclusões, violências, alegrias, sentidos, sentimentos, pertencimentos, invenções, modificações, enfim, dobras de tecido que vão se desdobrando, se arrumando, desarrumando, e que estão presentes nos/dos/com os cotidianos das escolas, e nos seus *currículos praticados*.

Los aprendizajes que se realizan a través del guardapolvo o el uniforme, por ejemplo sobre quiénes deben vestirlo y quiénes no, quiénes tienen varios y quiénes tienen sólo uno, quiénes son parecidos y quiénes son diferentes, quiénes y cómo son limpios y prolijos y quiénes y cómo son sucios y desprolijos, cuál es el límite del pudor y la plucritud, cuál debe ser considerada una buena apariencia, hacen referencia a toda una serie de saberes sociales sobre la identidad y la diferencia que son fundamentales a la hora de imaginar nuestra sociedad. (DUSSEL, 2005, p. 83).

Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda. *O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro : DP&A, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica dos sentidos*. São Paulo : Editora Perspectiva, 2000.
- DUSSEL, Inês. Cuando las apariencias no engañan: una historia comparada de los uniformes escolares en Argentina y Estados Unidos (siglos XIX-XX). *Pro-Posições*. Campinas, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. 2005, p. 65 –86.
- ENÉAS, Zilá Simas. *Era uma vez no Instituto de Educação*. Rio de Janeiro: Zilá Simas Enéas, 1998.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: Regina Leite Garcia. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- HUNDERTWASSER. Sala de exposiciones Del Museu español de arte contemporâneo. *Catálogo*. Ciudad Universitária: Madrid, Mayo/Julio, 1979.
- LONZA, Furio. *História do Uniforme Escolar no Brasil*. Impar Produções. MEC/Rhodia, 2005.
- MOMO, Mariângela. Camiseta do homem-aranha, mochila dos rebeldes, tênis do batman, correntes e piercings – o novo uniforme escolar? In: *2º Seminário Brasileiro de estudos culturais e educação*. Canoas: Ulbra, 2006. Anais em CD-Room.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados – entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- RAND, H. *Hundertwasser*. Taschen: Colônia/Alemanha, 1994

- RESTANY, P. *Hundertwasser*. O pintor rei das cinco peles. Taschen: Colônia/Alemanha, 1999.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SIMMEL, Georg. *A mulher e a moda*. Disponível em : http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_a_mulher_e_a_moda.pdf acessado em 31/03/2008.
- SILVA, Katiene Nogueira da. Distinção, higiene e assistência social: os uniformes escolares diante da expansão do ensino público paulista (1950/1970). In: *VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste*. Vitória: UFES, 2007. Anais em CD-Room.
- SOUZA E MELLO, Gilda de. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STALLYBRASS, Peter *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.